

Tancredo e o 'Muda Brasil'

16 ABR 1995

JOSÉ SARNEY

Há dez anos morria Tancredo Neves. Com ele desaparecia o homem que a História tinha preparado para fazer a transição democrática no Brasil. Suas qualidades de conciliador, sua experiência extraordinária da coisa pública, acumulada numa longa vida de serviços prestados ao país, davam-lhe a base necessária para cumprir essa tarefa, sem que o país atravessasse o trauma e a turbulência que todos os países que passaram do autoritarismo para a democracia viveram.

Tancredo demonstrou essa excepcional qualidade, reunindo forças heterogêneas, num leque de apoios que ia da direita à esquerda e, dentro do Governo de então, a confiança de que não caminharia para o revanchismo, a abertura de feridas e a divisão do país entre os que estavam destinados à salvação e aqueles que estavam condenados à perdição. Ele cumpriu a tarefa de cauteloso, hábil e perseverante costurador político. Montou, numa engenharia de transição, a bandeira da mudança, a certeza da paz interna e sonhou com a acomodação dos grupos radicais que trocariam as reivindicações extremistas pela construção da liberdade e da democracia.

Antes de figurar na chapa como vice-presidente, conheci Tancredo Neves e com ele tive relações de amistosa convivência política que nunca transbordara para a intimidade nem para a amizade pessoal. Afinal tínhamos sempre militado em correntes opostas, desde a UDN e o PSD, até PDS e PMDB.

Mas a partir da campanha, identificamo-nos profundamente. Tínhamos ambos os mesmos sentimentos de saber que o fato político no sistema democrático não pode ser uma decisão pessoal. Ele necessita de ser negociado, de ter-se, nesse todo, uma visão conjunta do fenômeno e de suas repercussões. Nada de intempestividade, tudo de paciência e construção. Daí ser o espírito da conciliação, não uma esperteza de reunir todos, mas uma postura de saber que na democracia os que governam têm sempre de ter a humildade de reconhecer que podem estar errados. Não ser dono da verdade. E saber que a conciliação leva sempre a conseguir-se um maior leque de apoio para decidir e para executar a decisão. Por outro lado, essa postura é a postura do estadista, que abandona a visão pessoal para ter a visão coletiva. As pessoas, aí, contam pouco, valendo mais o fato e o interesse nacional.

Tancredo Neves era uma figura humana bastante singular. Era um homem que prezava os hábitos que,

O GLOBO

por serem antigos não deixam de ser necessários e modernos, de que a política não é um campo de batalha entre amigos e inimigos. Ele discutia as coisas mais apaixonadas e controversas sem perder a serenidade e as excelências políticas, como dizia o marquês de Abrantes. Era atraente, sem ser insinuante; cordato sem deixar de ser duro. Ele sabia que a firmeza na política não vem das palavras, vem dos atos, e que a coragem nada tem a ver com a bravata. Era de uma grande coragem cívica. Só ele teria essa coragem de dialogar, como dialogou, com todas as áreas, e sem temer os patrulhamentos. Vi muitas vezes a firmeza de suas posições, a resistência correta dos seus objetivos. Ele sabia que sair de um regime autoritário para um regime de plena liberdade obriga a passar por um desfilar onde soçobram tantos heróis e tantos políticos. Era preciso ser firme para que o país não se dividisse e nem iniciasse um processo de caça às bruxas, que por sua vez trazia o risco de um retrocesso institucional. Muitas vezes conversamos sobre este ponto. Examinamos o exemplo da Grécia e de Portugal, na Europa, da Argentina e do Peru, na América Latina.

Tancredo Neves sabia tudo da política como arte e da natureza humana. Conhecia os homens e sabia como tratá-los. No fim da campanha, nossa identidade chegou ao nível de uma grande confiança. Ele disse uma vez a Ulysses Guimarães, que estava com Milton Reis, que "o Sarney tem a virtude da proporção. Ele sabe avançar e sabe recuar". Não sei bem ao que se referia, mas tinha a certeza de que eu seria um companheiro que estava ali para ajudar até às últimas consequências. Estudei tudo sobre a vice-presidência. Li os livros que se publicaram nos Estados Unidos sobre essa instituição que passou a ser uma das maiores descobertas do presidencialismo. Antes era considerado um cargo chamado de cemitério de elefantes onde os políticos morriam e encerravam sua carreira. Hoje se sabe que ele é o cargo que assegura a continuidade democrática, sem abalos, nos momentos trágicos e decisivos do país. É um cargo que só funciona nas crises. E como testemunhamos isso no Brasil!

Naquela madrugada de 15 de março de 1985 eu senti o peso desse destino. Jamais passara pela minha cabeça receber as responsabilidades que recebi. Não era só assumir a Presidência. Era governar o país no momento mais difícil de sua História, neste século, quando tantas esperanças estavam juntas com tantos problemas. Forças heterogêneas que não me aceitavam. O Ministério e toda a organização do Estado que não tinham sido montados por mim. Doze mil e duzentas greves, Constituin-

te, contestação, os estertores do fim das ideologias, quando os grupos radicais recebiam a visita da morte — como se diz em Minas Gerais — e por isso cumpriam o manual do princípio do século: manter sob pressão os governos, bloquear decisões, enfraquecê-los, desmoralizá-los, que dessas ações nascerá a revolução salvadora. A tudo enfrentei, com serenidade, com paciência, com o espírito de conciliação de Tancredo Neves. Sempre fui inteiramente incapaz de ter ódio. Passei ao meu sucessor o país em paz, organizado e transformado.

O lema da Nova República era "Muda Brasil". Mudou o Brasil? Eu acho que tudo mudou e a maior de todas as mudanças de nossa História aconteceu. Dizia-se que no Império tínhamos liberdade, mas não tínhamos povo, e que a República tinha povo, mas não tinha cidadão. Foi a mudança da Nova República: a sociedade brasileira mudou, tem povo e tem cidadão. Deixou de ser elitista, com o poder político na mão de uns poucos e a disputa entre os partidos como disputa do registro cartorial dos candidatos. Centenas de milhares de associações, imprensa mais livre de todo o mundo, sindicatos e corporações em todos os níveis agregando poder político a um corpo social outrora à margem das decisões. Os trabalhadores ganharam status. Mudaram as relações entre patrões e empregados, e de tal modo que um candidato a presidente da República, hoje expressão de uma grande parcela política do país, era um torneiro mecânico, com grande capacidade de mobilização e carisma político. Isso era possível antes de 1985?

Economia de mercado sem uma sociedade democrática não funciona. A economia é o transitório; definitivo é a liberdade. Essa liberdade democrática, a presença do cidadão respeitado, dono dos seus direitos, sem ser inferior a ninguém, sem castas nem discriminações passou a existir no Brasil.

Eu, modestamente, sinto ter contribuído com a minha visão do social, com a minha paciência, com a minha coragem de ser, como diziam, um presidente fraco, para que forte surgisse a sociedade democrática.

Tancredo pode repousar, herói, no seu túmulo de São João del Rei. O seu espírito, o seu desejo, a sua inspiração é, hoje, uma realidade. O Brasil enfrenta grandes problemas, mas o de uma sociedade de castas, elitista e autoritária não existe mais. O grande trabalho será o de melhorá-la, transformá-la em um corpo mais justo, com menores desníveis de renda, com menos violência e pobreza. Mas a liberdade e o cidadão já existem e nasceram com a Nova República.